revista Fronteiras – estudos midiáticos
15(2): 96-107 maio/agosto 2013
© 2013 by Unisinos – doi: 10.4013/fem.2013.152.03

Jornalismo e território: a cartografia diária das coisas do mundo

Journalism and territory: The daily cartography of the things of the world

Angela Zamin[1]

RESUMO
Ao ir em direção aos acontecimentos no mundo, o jornalismo deixa ver modos de organização do espaço, princípios do fazer, justapostos às ordens institucional, discursiva e de produção de cada meio. O artigo explora os movimentos dos jornais latino-americanos *O Estado de S. Paulo*, brasileiro, *El Tiempo*, colombiano, e *El Comercio*, equatoriano, diante do acontecimento *Angostura*, além de compor mapas de fluxos da cobertura dos três jornais.

Palavras-chave: Jornalismo, acontecimento, conflito.

ABSTRACT
When going towards events in the world, Journalism reveals modes of organizing space, principles of doing, juxtaposed with the institutional, discursive and production structures of each medium. The article explores the movements of the Latin American newspapers *O Estado de S. Paulo* (Brazil), *El Tiempo* (Colombia) and *El Comercio* (Ecuador) vis-à-vis the *Angostura* event and sketches flowcharts of the three newspapers' coverage.

Key words: Journalism, event, conflict.

Em sua ordem discursiva, o Jornalismo desloca os acontecimentos do mundo vivido para seu interior e apresenta, dia após dia, uma cartografia do mundo passível de ser compreendida pelos discursos que engendra e pelos espaços nos quais os apresenta. Os acontecimentos do "mundo diante de si" (Groth, 2011) tomam a forma de uma "realidade" jornalística que, de certo modo, "funciona em sincronia com outras 'realidades disciplinadas' produzidas em outros espaços fechados e repercute as mudanças relativas à experiência e à esfera da vida" (Silva e Marocco, 2008).

Os modos de objetivação jornalística contêm a organização e a interpretação do mundo, apresentado nos mapas construídos pelos jornais. Objetivar a mecânica do Jornalismo como uma espécie de cartografia do mundo "resume em si a filosofia política do momento", acomodada, segundo Augé (2010, p. 8), sobre um vocabulário espacial. Foucault (2001, p. 411) corrobora tal perspectiva ao afirmar que "a época atual seria de preferência a época do espaço". Processos jornalísticos diretamente vinculados aos interesses organizacionais, todavia, são suscetíveis aos espaços do mundo vivido e aos acontecimentos que neles irrompem e contrariam a "normalidade" cotidiana.

O texto que segue apresenta e explora um destes acontecimentos a partir de seu ingresso e de sua cobertura

[1] Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Membro do GPJor (CNPq/Unisinos). Professora visitante do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (DCS/Fafich/UFMG). Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, 31270-901, Belo Horizonte, MG, Brasil E-mail: angelazamin@gmail.com

em três jornais latino-americanos de referência, o brasileiro *O Estado de S. Paulo*, o colombiano *El Tiempo* e o equatoriano *El Comercio*. Trata-se do acontecimento *Angostura*, forma como denomino a crise colombo-equatoriana desencadeada a partir da incursão do exército colombiano no território equatoriano, em 1º de março de 2008, para desmantelar o posto das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) sob a responsabilidade de Raúl Reyes, morto no ataque.

O recorte aqui apresentado ingressa nos fluxos do Jornalismo a partir de uma analítica acerca dos modos como cada jornal aciona sua rede informativa na cobertura do *Angostura*. Considera textos do mês de março de 2008 dos três jornais como forma de identificar movimentos no espaço e de compor mapas de fluxos da cobertura (ou de movimentos lineares) a partir deles.

A cada dia um novo mapa

Abordagens teóricas da Geografia são auxiliares na percepção das construções discursivas operadas pelo Jornalismo como cartografia. Para Lacoste (1989, p. 9), o real, entendido como espaço geográfico, "é tão somente aquilo que pode ser mapeado, colocado sobre a carta, delimitado". Logo, o "real" jornalístico pode ser entendido como "um mapa onde todo espaço envolvido é qualificado, ou seja, em que estejam definidas as continuidades e as descontinuidades em plano horizontal" (George, 1969, p. 23).

Assim como "uma situação geográfica é uma situação delimitada, de que se pode dar representação cartográfica em escala variável" (George, 1969, p. 13), também os acontecimentos vividos constituem-se em acontecimentos jornalísticos por escalas distintas. As cartografias, como as páginas dos jornais, representam planisférios, um continente ou Estado, uma aglomeração urbana ou fluxos. Segundo Lacoste (1989, p. 74), há "cartas em pequeníssima escala que representam o conjunto do mundo até cartas e planos em escala bem grande, que representam, de maneira detalhada, espaços relativamente pouco extensos".

Os jornais valem-se destas escalas ao destinarem um conjunto numeroso de páginas e seções aos acontecimentos próximos, reservando aos que se originam em espaços geograficamente distantes as poucas páginas de Internacional. Esta é a escala da normalidade cotidiana, apresentada como ação descontínua, em pequenas doses; alterada sempre que algum acontecimento, por seu potencial de ruptura ou revelação, imponha um corte à serialidade jornalística. De certo modo, "os jornais tornaram possível que vários lugares que eram por si mesmos incompatíveis se encontrassem presentes em um só lugar" constituindo-se, segundo Silva e Marocco (2008), em espaços de acolhida do desvio, dos "mais distintos perigos deste mundo".

No que diz respeito às escalas utilizadas pelo Jornalismo, não há somente diferenças qualitativas com relação ao território representado, mas com a forma como são representados, ampliados ou reduzidos. O jornal é um mediador do que ocorre no mundo, "ele os parte quando e onde quer, onde a exigência de completar o quadro do mundo diante de si o move a isso" (Groth, 2011, p. 178). Por seus protocolos, faz uma escrita do espaço no limite de cada página e, apesar dos esforços para acessar ocorrências em muitos lugares, não consegue libertar-se da oposição perto-longe, interno-externo. Para Mouillaud (2002, p. 70), essa é uma diferença incontestável entre o jornal e o mapa:

> *O mapa está liberto de sua origem, circula em todos os espaços, é utilizável por quem quer que seja. Já o jornal tem uma implantação em um território: nunca pode (ainda que tenda para o universal, como Le Monde) despir-se inteiramente da diferença do próximo e do distante. A ordem na qual situa os acontecimentos e a área que lhes atribui são tributárias do fato de pertencer a um território: os acontecimentos locais, nacionais e internacionais não são tratados na mesma escala.*

Abrir o jornal do dia significa deparar-se com um mapa do mundo conformado por tantos lugares, acontecimentos e temáticas quanto o interesse e as possibilidades permitem acessar. De algum modo aí estão contidos alguns dos princípios organizadores do Jornalismo, quais sejam, a divisão do mundo em zonas de interesse e a dispersão de repórteres por estas áreas como parte de uma rede informativa que opera em consonância com as ordens institucional, de produção e discursiva de cada meio (Fishman, 1983; Tuchman, 1983).

A produção do acontecimento *Angostura*

A produção jornalística *a priori* enseja movimentos em direção aos acontecimentos nos espaços do mundo vivido. O Jornalismo, porém, não se move simplesmente,

porque os deslocamentos se organizam a partir dos interesses institucionais e das condições de produção disponíveis. Para tanto, além de deslocar os jornalistas pelos espaços que interessa cobrir, utiliza-se de agências de notícia e de meios-fonte (Zamin, 2011) enquanto parte da rede informativa que possibilita aproximar-se dos acontecimentos, de seus fluxos e dos modos de dizê-los.

Os movimentos do Jornalismo nos espaços do vivido ora são indicados pelos jornais na abertura dos textos, ora compõem as narrativas, como parte da gramática da produção que pretende descortinar não apenas os acontecimentos, mas os procedimentos que permitem acessá-los. Estas marcas permitem identificar o funcionamento da rede informativa de cada meio para dar conta dos acontecimentos, como demonstrado a seguir.

(a) O Estado de S. Paulo

No primeiro dia de cobertura, 2 de março de 2008, o *Estado*[2] utiliza-se de despachos da AP, AFP e *Reuters*. No dia seguinte, as matérias são assinadas por repórteres sediados no Brasil. Como forma de encaminhar, e singularizar, a cobertura, o jornal revisita seu próprio arquivo. Roberto Lameirinhas, ao descrever Raúl Reyes, o faz a partir de contato anterior do jornal com o guerrilheiro: "O *Estado* entrevistou Raúl Reyes na clandestinidade de um acampamento das Farc em 2004, após uma maratona entre trilhas e igarapés da selva colombiana. Na época, a guerrilha promovia uma ofensiva de mídia" (Lameirinhas, 2008). O novo texto, porém, não faz alusão ao responsável pela entrevista anterior, o próprio Lameirinhas; tampouco às condições de sua produção, quando grupos de repórteres de jornais e agências o entrevistaram; e indica a data como 2004, quando foi em agosto de 2003.

Detalhes da produção anterior são retomados na composição do novo texto, especialmente o deslocamento do repórter. No texto original, destaca-se, também, a importância deste "deslocar-se" para a construção da narrativa: "No coração da selva colombiana, após várias horas de viagem de barco por um quase inavegável labirinto de igarapés", ou "Depois de uma curta caminhada mato adentro". Outro elemento do texto de 2003, quando entrevistar Reyes na selva, na clandestinidade, era o acontecimento jornalístico, refere-se ao modo como a narrativa se singulariza pela enunciação do repórter a partir do lugar, ganhando uma conotação impressionista: "Em pouco tempo, a mesa improvisada recebe pratos, copos, talheres, travessas, etc. Tudo muito limpo." Também é recuperada a informação de que "O *Estado* falou com Reyes várias vezes, sempre por meio de um aparelho telefônico de longo alcance" (Godoy, 2008a).

No dia 4, a cartola *Tensão na fronteira* passa a ser empregada, e a cobertura é ampliada com o ingresso de jornalistas da sucursal de Brasília, além daqueles sediados no exterior. A produção do *Estado* encontra-se assentada sobre a rede informativa estabelecida com anterioridade pelo jornal, fixada em determinados territórios. O que desperta a atenção neste momento são os modos de ligar a fronteira colombo-equatoriana a outros espaços. Jamil Chade, correspondente em Genebra, traz as repercussões sobre o *Angostura* durante reunião do Conselho de Direitos Humanos da ONU (Chade, 2008). Andrei Netto, de Paris, na função de "Enviado para o *Estado*", uma espécie de *freelance*, sem um evento pontual para cobrir como Chade, estabelece uma ligação "indireta" da França com o acontecimento ao tratar da relação do país com Reyes para a libertação da franco-colombiana Ingrid Betancourt, em poder das Farc (Netto, 2008a).

À rede informativa permanente, dos correspondentes, se justapõe a provisória no dia 5. Dela participam os repórteres Ruth Costas e Expedito Filho, enviados à Colômbia e ao Equador, respectivamente. São esses novos deslocamentos que passam a ganhar destaque na editoria de Internacional. A permanência da cartola *Tensão na fronteira* corresponde à presença destes enviados no exterior.

A ligação "indireta" mantém-se no dia 5 quando, mais uma vez, Netto trata das relações França-Farc (Netto, 2008b). O jornalista Lourival Sant'Anna, enviado especial, que acompanha em Madri as eleições para primeiro-ministro daquele país, opta por movimento semelhante ao realizado por Netto. Para aproximar a Espanha do acontecimento, Sant'Anna discute, no dia 6, o enfraquecimento do ETA quando impedido de se utilizar do território francês (Sant'Anna, 2008).

No dia 6, além dos enviados especiais, o jornal traz matérias de Renata Miranda, Gabriella Dorlhiac e Roberto Godoy, sem indicação de origem, e de Tânia Monteiro e João Domingos, de Brasília, e de agências. Na matéria produzida em Brasília sobre o encontro entre os presidentes do Brasil e Equador, os jornalistas afirmam que "o governo brasileiro jogou ontem uma verdadeira

[2] *Estado* em itálico se refere ao jornal *O Estado de S. Paulo*.

partida de xadrez diplomático" (Monteiro e Domingos, 2008). O texto reserva, igualmente, espaço para tratar das particularidades do encontro: "Quando Correa cobrou 'alguém do governo' a seu lado, ao deixar o gabinete presidencial, Lula ordenou a Amorim: 'Desce lá'."

No dia 7, além dos enviados, há matérias de outros repórteres e um grande volume tendo agências como origem. Apesar da presença de um enviado especial no Equador, é a partir dos despachos da AP, *Reuters* e AFP que o *Estado* traz as reações do governo deste país ao texto da resolução aprovada pela OEA, no dia anterior, sobre o ataque de 1º de março. Em complemento a esta informação, Renata Miranda, em outro texto, detalha as próximas ações da OEA, antecipando, assim, futuros acontecimentos, bem como movimentos que o Jornalismo terá de realizar para transpô-los aos jornais.

Para o registro no dia 8 da Reunião da Cúpula do Rio, realizada no dia anterior, em Santo Domingo, República Dominicana, o *Estado* utiliza-se de agências. O relato, de tom impessoal, das agências (AP, Reuters, AFP, 2008) é contraposto pelas matérias dos jornalistas Leonencio Nossa e Expedito Filho. O primeiro reflete desde Brasília os resultados da negociação, avaliando a "chance diplomática" desperdiçada pelo presidente do Brasil por sua ausência (Nossa, 2008). Já Filho traz o resultado do encontro pela perspectiva equatoriana, segundo a qual o "resultado de cúpula é recebido com alívio" (Filho, 2008b).

No dia 9, que encerra o uso sequencial da cartola *Tensão na fronteira*, todas as matérias são assinadas pelos enviados especiais. Expedito Filho assina duas páginas de Internacional produzidas desde Angostura, região do conflito, encerrando sua participação como enviado; Ruth Costas assina uma terceira página, escrita em Bogotá. No dia seguinte, a jornalista assina, como enviada, a entrevista com o ex-senador colombiano Luis Eladio Pérez, libertado pelas Farc às vésperas do 1º de março.

Nos dias posteriores, sob a cartola *América Latina*, ainda é significativo o volume de informações que tratam do *Angostura*. Dentre elas, a já programada visita da comissão verificadora da OEA à Colômbia e ao Equador. Apesar de previsto e da proximidade temporal com os acontecimentos que o antecederam, o *Estado* não manteve enviados em nenhum dos países, utilizando-se das agências para reportar. Em outro acontecimento programado, a reunião de chanceleres da OEA em Washington, o jornal pôde usufruir de sua própria rede informativa, uma vez que lá mantém a correspondente Patrícia Campos Mello.

No dia 18 de março, a jornalista dedica-se a um acontecimento provocado pelo Jornalismo colombiano que, diretamente, interferiu nas negociações na OEA. Trata-se da incorreção do jornal *El Tiempo* ao publicar uma fotografia supondo tratar-se de encontro entre Raúl Reyes e Gustavo Larrea, ministro da Segurança equatoriano (Mello, 2008a). Devido ao horário adiantado de encerramento da reunião da OEA, dado relatado na reportagem, a matéria foi publicada no dia 19 (a reunião foi no dia 17). Nela, a jornalista sintetiza o teor dos debates: "A insistência do Equador em incluir uma condenação à Colômbia [...] e a tentativa de americanos e colombianos de incluir a tese da legítima defesa fizeram com que as negociações se arrastassem por 15 horas" (Mello, 2008b).

Durante o mês de março os movimentos realizados para acessar o acontecimento *Angostura* permitiram compor um mapa (Figura 1). Nesta cartografia dos fluxos busca-se informar a rede informativa acionada pelo jornal durante a cobertura. Esses deslocamentos foram chamados de *fluxos no espaço*. O mapa traz também os *fluxos da cobertura*, direta ou indiretamente relacionados ao *Angostura*.

Para além deste mapa, seria possível esquadrinhar outro, com os trajetos percorridos pelos enviados especiais ao se movimentarem pela Colômbia e Equador. Ruth Costas assina de Bogotá e Cúcuta, cidade na fronteira com a Venezuela, e Expedito Filho de Quito, Angostura e Lago Agrio, as duas últimas na província de Sucumbíos, fronteira com a Colômbia. Importante destacar que a presença de enviados no lugar dos acontecimentos faz emergir narrativas que abarcam detalhes e sensações que se dão a ver somente nos espaços do acontecimento vivido:

> *Na gelada e mórbida sala do IML, alguns corpos estavam carbonizados, dentro de cubas e no chão frio. O mau cheiro impregnava o ambiente. A imagem era de arrepiar. A maioria dos mortos vestia o uniforme de guerrilheiro (Filho, 2008a).*

Tal uso torna evidente um recurso narrativo que possibilita a subjetivação do texto, como "as colombianas Doris Bohorquez e Marta Pérez estavam lado a lado em leitos da enfermaria do Hospital-Geral das Forças Armadas e sob visível estado de choque". Também revelam detalhes da cobertura: "as três só receberam os jornalistas após acertar que não falariam sobre o ataque colombiano. Em grupos de cinco, os jornalistas foram autorizados a entrar na enfermaria". Os deslocamentos pelo território, na cobertura, são importantes à narrativa:

> *Cúcuta, cidade colombiana a apenas uma ponte de distância de San Cristóbal, já na Venezuela, tentava ontem*

Figura 1. Fluxos de *O Estado de S. Paulo* na cobertura do *Angostura*.
Figure 1. Flows by *O Estado de S. Paulo* in the coverage of *Angostura*.

> *voltar à rotina apesar da tensão dos últimos dias [...]. Do lado de lá da ponte, porém, nem sinal das tropas. "Parece que os soldados estão a uma hora daqui", explica outro comerciante, já na Venezuela (Costas, 2008).*

Outro aspecto interessante são as referências construídas para aproximar a narrativa de algo que faça sentido ao leitor: "A base das Farc atacada ocupava três hectares de Angostura, no lado equatoriano – um acampamento do tamanho que os sem-terra fazem no Brasil" (Filho, 2008a).

(b) El Tiempo

Ao tratar dos fluxos do colombiano *El Tiempo* ao acessar e interpretar o *Angostura*, verifica-se que a pequena rede de correspondentes[3] mostrou-se suficiente para dar conta das ocorrências externas, uma vez que o acontecimento fora provocado pela Colômbia. O primeiro movimento externo é da correspondente *freelancer* em Quito, Maggy Ayala Samaniego, que detalha como o presidente do Equador, Rafael Correa, soube do acontecimento na fronteira em 1º de março. No texto publicado no dia 2, descreve em detalhes como Correa soube do ocorrido e trata de processualidades da produção da narrativa, como "*El Tiempo* se comunicó en Quito con el ministro coordinador de Seguridad Interna y Externa, Gustavo Larrea, quien dio a entender que no sabía nada al respecto" (Ayala Samaniego, 2008a).

Samaniego ocupa-se da confirmação da presença das Farc em território equatoriano, descortinada pelo *Angostura*. Observa que a informação não é nova e que havia provocado problemas diplomáticos em outros momentos. Descreve outros problemas entre os dois países, como as denúncias de incursões do Exército colombiano no Equador,

[3] Em 2008 mantinha correspondentes em Washington e Madri e utilizava-se de *freelance* em outros sete países.

a questão dos refugiados e as aspersões de herbicida sobre os cultivos de coca na Colômbia que atingem a população e as plantações lícitas no Equador. Coube à jornalista tratar das reações do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, a partir de um intertítulo que traz, entre aspas, a afirmação "'Que no se le ocurra hacer esto por acá'."

No segundo dia de cobertura, *El Tiempo* aciona o correspondente *freelancer* Pedro Pablo Peñaloza, de Caracas, que se ocupa das reações de Chávez (Peñaloza, 2008). O jornal preocupa-se mais em tratar das reações venezuelanas que das equatorianas neste momento. Com o intertítulo "Colombia se excusó con Ecuador por incursión militar", o correspondente em Caracas tratou também do pedido de desculpas apresentado pelo governo colombiano, na noite do dia 2, "'por la acción que se vio obligado a adelantar en la zona de frontera".

No dia 4 de março, outro integrante da rede discursiva de *El Tiempo* é acionado, o correspondente em Washington, Sérgio Gómez, que também produz matérias para o Grupo Diários América (GDA). Gómez trouxe os argumentos com os quais a Colômbia iria se defender perante a OEA, duas resoluções do Conselho de Segurança da ONU, as mesmas que asseguraram a intervenção militar dos Estados Unidos no Afeganistão (Gómez, 2008a). Do Equador a OEA receberia, de acordo com Gómez, uma condenação endereçada à Colômbia por violação da soberania do país. Coube ao correspondente tratar das repercussões do *Angostura* em Genebra, na sessão do Conselho de Direitos Humanos da ONU, a partir da manifestação do vice-presidente colombiano, e relacioná-la aos argumentos que seriam apresentados à OEA.

Também é assinado por Sérgio Gómez o texto de 6 de março em que repercute os resultados da reunião na OEA nos dias anteriores. No título, ele a define como "Triunfo agridulce de Colombia en OEA" (Gómez, 2008b), porque a condenação deu-se sobre o princípio de inviolabilidade do território e porque foi estabelecida uma comissão verificadora que seria enviada à Colômbia e ao Equador. Segundo o texto, "el gobierno colombiano, por ejemplo, pretende dirigir la mirada de la comisión a los 120 campamentos de las Farc que dice hay en territorio ecuatoriano".

Para a cobertura da reunião do Grupo do Rio, em Santo Domingo, na República Dominicana, *El Tiempo* desloca o editor político Edulfo Peña. O relato do enviado especial sobre o desfecho da crise, publicado no dia 8, contém um tom informal: "Una sutil broma de la presidenta argentina, Cristina Kirchner, fue el punto de partida para desactivar una de las crisis diplomáticas más tensas en América Latina"; "para darle paso a una cadena de abrazos y disculpas, que dejaron atrás los insultos"; "una explosión de risa colectiva que cambió el ambiente" (Peña, 2008a). Peña subjetiva alguns trechos do texto, como, "será difícil olvidar esta histórica Cumbre de Río". O enviado destaca, entre aspas, algumas declarações dos mandatários que, em certa medida, antecipam a conotação espirituosa do texto, como "'Queridos dominicanos, tengan mucho cuidado. Si el presidente Uribe cree que hay otro Raúl Reyes en Santo Domingo, viene y los bombardea', le había dicho Correa a Uribe".

A correspondente Maggy Ayala Samaniego retorna no dia 11 ao assinar texto (Ayala Samaniego, 2008b) sobre o alerta feito pelo presidente colombiano a seu par mexicano acerca dos avanços das Farc naquele país. Este é o primeiro texto de correspondente e/ou enviado que ingressa na editoria de Política; os demais, até aqui, haviam sido apresentados nas páginas de *Primer Plano*, imediatamente posteriores à capa.

No dia 12, o repórter Andrés Gómez, enviado à região de Putumayo, local onde se deu o ataque de *Angostura*, acompanha a visita da comissão de verificação da OEA, formada pelo secretário-geral da Organização, José Miguel Insulza, pelos embaixadores da Argentina, Bahamas, Brasil, Panamá, Peru e Colômbia na OEA (Gómez, 2008c). Gómez descreve a visita da equipe a uma plantação de coca que estava sendo erradicada manualmente por camponeses, atendendo ao pedido do Equador de que o governo colombiano deixasse de utilizar aspersão de herbicida. Gómez afirma, porque não indica nenhuma fonte, que "el objetivo era mostrarles sobre la misma línea fronteriza la vulnerabilidad del territorio colombiano a los ataques de la guerrilla".

O correspondente em Washington faz a cobertura da reunião na OEA. No dia 17, data do encontro, publica as reivindicações de Colômbia e Equador (Gómez, 2008d). O governo colombiano exige que o país vizinho coopere na luta contra todas as formas de crime na fronteira comum, especialmente o narcotráfico e o terrorismo. Esta última palavra aparece entre aspas e com a seguinte explicação entre parênteses: "es decir, contra las Farc". Esse é um dos poucos momentos da cobertura em que se emprega o termo terrorismo para se referir à guerrilha. Já o Equador, segundo o texto, insiste na condenação da Colômbia por violação de seu território. Sérgio Gómez não cita fontes e detalha o fazer jornalístico ao informar que elas "fueron conocidas por *El Tiempo*".

Na cobertura da reunião, publicada nos dias 18 e 19, trata primeiro da negociação do acordo, depois de seus termos. No texto do dia 18, explica porque as informações são parciais: "al cierre de esta edición, y de acuerdo con el secretario general [OEA] José Miguel Insulza, ya existía un borrador de resolución pero quedaban aún media docena de temas por resolver" (Gómez, 2008e). Antecipa,

todavia, a condenação da Colômbia. O correspondente trata, ainda, do protagonismo do seu jornal devido à publicação, em seu site, de uma fotografia na qual afirma incorretamente tratar-se do ministro da Segurança equatoriano, Gustavo Larrea, em companhia de Raúl Reyes. Gómez assegura que "la foto […] se regó como pólvora entre los miembros de las delegaciones y casi 60 periodistas que cubrían el evento" (Figura 2).

No dia 25 de março, a jornalista Maggy Ayala Samaniego, de Quito, trata do novo episódio na crise colombo-equatoriana ocasionada pela confirmação da identidade do cadáver trasladado a Bogotá junto com o corpo de Raúl Reyes: o equatoriano Franklin Aizalia(Ayala Samaniego, 2008c).A jornalista foca seu trabalho nas reações do governo do Equador – "La Presidencia de Ecuador precisó en un comunicado que Colombia debe probar que Aizalia era guerrillero" e "El Gobierno de Ecuador señaló anoche que recibió 'con suma preocupación', la confirmación de la identidad de Aizalia" – e da família que confirmava que o corpo que estava em Bogotá era de Aizalia, mas negava a relação dele com a guerrilha – "'Eso es otra mentira de Colombia' dijo ayer a *El Tiempo*, en Quito, Guillermo Aizalia, padre de Franklin".

No dia 26, de Caracas, o enviado especial Edulfo Peña trabalha os temas tratados pelo presidente Hugo Chávez durante entrevista coletiva (Peña, 2008b). Peña classifica a coletiva de algo incomum no governo Chávez ao tomar por referência a surpresa com o convite por parte dos correspondentes estrangeiros, que durante os nove anos do governo do mandatário venezuelano nunca haviam presenciado tal gesto: "un almuerzo de gala en el Salón Joaquín Crespo con 23 periodistas que le preguntaron de todo".

Em comparação com a cartografia de fluxos da cobertura do *Estado* e de *El Comercio* (expressa a seguir), constata-se em *El Tiempo* uma menor quantidade de deslocamentos. O fato de o *Angostura* ter sido provocado pela Colômbia pode, em parte, explicar tal resultado, uma vez que as fontes auxiliares na narrativa do acontecimento poderiam ser facilmente acessadas pelo jornal. Outro motivo é que, de antemão, o diário colombiano dispunha de jornalistas em espaços-chave da cobertura, como Quito, Washington e Caracas.

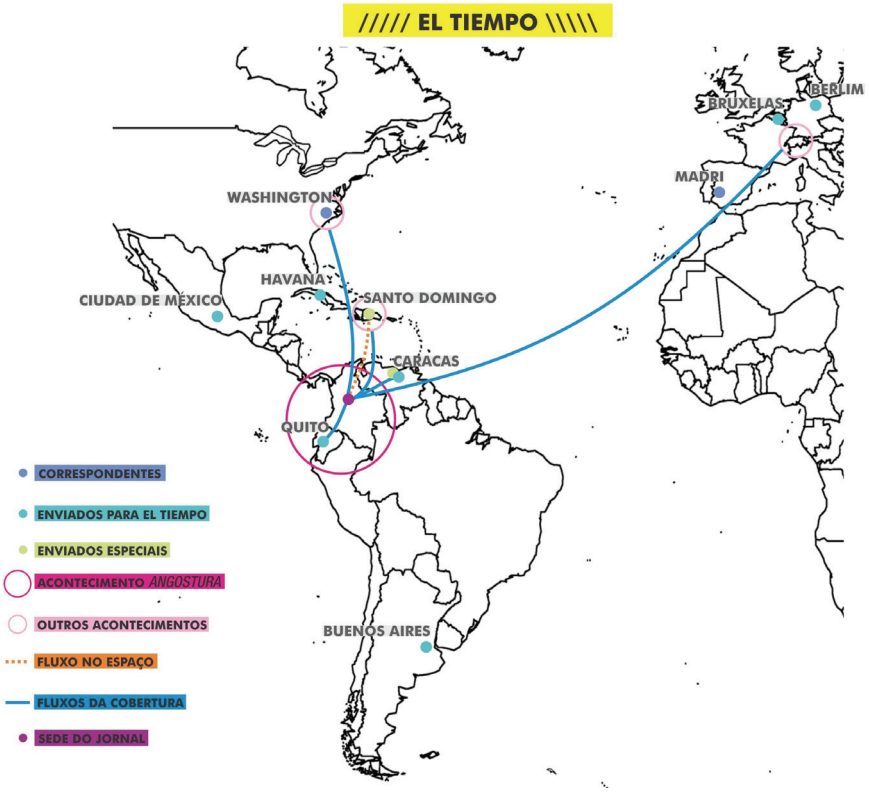

Figura 2. Fluxos de *El Tiempo* na cobertura do *Angostura*.
Figure 2. Flows by *El Tiempo* in the coverage of *Angostura*.

(c) El Comercio

Considerando que no primeiro dia de cobertura, 2 de março, o acontecimento é a morte de Raúl Reyes, *El Comercio* vale-se de imediato de sua rede informativa para nele ingressar. A matéria "El vocero de las Farc murió en acción" (Rojas Araújo, 2008a) é assinada pelo correspondente em Bogotá, Carlos Rojas, para a Redação de Justiça. O relato é pormenorizado, uma vez que descreve a operação militar, os confrontos e o traslado dos corpos até Bogotá. O lugar onde se encontra o correspondente, para além de indicado na abertura, aparece no texto, "el cuerpo [de Raúl Reyes] llegó al aeropuerto 3 de Mayo de esa ciudad, una vez que el Ejército colombiano lo recuperó de Ecuador". Como forma de relacionar o acontecimento ao espaço de sua ocorrência, o texto traz a descrição: "En Ecuador, las poblaciones fronterizas indicaron que hubo fuego cruzado desde las 00:00 hasta las 10:00 de ayer".

A narrativa se assenta na morte como forma de dizer o acontecimento e como forma de singularizar o morto (Torres, 2008a), assim como fizera o *Estado*, o jornal equatoriano recupera em seu próprio arquivo a entrevista realizada com o guerrilheiro em 2003. Arturo Torres, editor de Justiça, relata que até 2001 Reyes viajava facilmente pela região para se reunir com líderes políticos, sindicalistas e intelectuais: "En varias ocasiones estuvo en Ecuador, especialmente en poblados fronterizos". Em 2001, as Farc passaram a ser combatidas como organização terrorista, o que se acentuou no governo Álvaro Uribe com o apoio estadunidense (Plano Colômbia). Por isso, tornaram suas 60 frentes ainda mais móveis.

O jornalista relembra de quando Reyes atuava efetivamente como porta-voz internacional da guerrilha – "para ingresar al Ecuador se afeitaba su barba cana, rala, y adoptaba un aire de empresario bonachón, regordete, distante de la del comandante guerrillero" – e descreve detalhes da entrevista de 2003 – "Diario habló con él en un campamento guerrillero de la Amazonia colombiana, enclavado a varios kilómetros del río Putumayo, límite fronterizo con Ecuador". Não há no texto nenhum indicativo de quem foi o repórter que ingressou na selva para entrevistá-lo em 2003. A resposta chega com o livro *El juego del camaleón*, sobre as condições de produção do *Angostura*, escrito pelo próprio Arturo Torres em 2009. Nele, o jornalista revela os encontros que manteve com Reyes, o primeiro em 2000, na Colômbia, durante as negociações por paz no governo de Andrés Pastrana; o segundo em Quito, em 2001, e o terceiro em 2003, em Putumayo.

No segundo dia, 3 de março, a invasão configura-se no acontecimento para o Jornalismo de *El Comercio*. Os textos são assinados por redações do jornal e por agências. O correspondente em Bogotá, Carlos Rojas, ocupa-se do pedido de desculpas e das acusações do governo colombiano à chefia equatoriana (Rojas Araújo, 2008b). Trata de como o anúncio da expulsão do embaixador colombiano em Quito foi recebida em Bogotá e da denúncia de nexos entre as Farc e o governo de Correa, a partir dos computadores de Raúl Reyes. Os detalhes são trazidos em nota da AFP.

No dia 4, a Redação de Política trata da decisão do governo equatoriano de romper relações diplomáticas com a Colômbia em razão da agressão à soberania do país e das denúncias de relações entre governo e guerrilha. Essa mesma Redação informa da rodada de visita a países vizinhos, iniciada naquela data por Rafael Correa. Carlos Rojas, de Bogotá, aborda as acusações colombianas contra o ministro da Segurança equatoriano, Gustavo Larrea. Informações sobre a mobilização de militares equatorianos na fronteira chegam pelas redações de Nueva Loja, Tulcán e Esmeraldas, mostrando como a dimensão assumida pelo acontecimento, que passa da morte de Reyes à agressão ao Equador, leva o Jornalismo de *El Comercio* a se mover interna e externamente a partir desta data.

Arturo Torres assume a função de enviado especial e acompanha os movimentos do presidente equatoriano pela América Latina. O mandatário passa por Lima, Brasília, Caracas, Manágua, Panamá e Santo Domingo. No dia 5, o texto de Torres (2008b) trata da visita ao presidente peruano Alan García, que, por um lado, "sostuvo que Colombia debía extender una excusa al Gobierno ecuatoriano, pues se había vulnerado el principio universal de la soberanía" e, por outro, reiterou que "'ningún país puede permitir que comandos de la guerrilla y la subversión se asilen y permanezcan dentro de su territorio, para desde ahí atacar a la democracia de otro país'". O jornalista contextualiza as declarações de García ao lembrar os enfrentamentos deste país contra o grupo subversivo *Sendero Luminoso*.[4]

O enviado faz menção à cobertura do acontecimento no Peru, onde é capa nos jornais. Segundo o relato, "la noticia de la ruptura de relaciones declarada por Ecuador a Colombia y el agravamiento del conflicto

[4] Considerado o maior movimento terrorista do Peru. Fundado em 1964 como um regime revolucionário de base camponesa, passou a guerrilha urbana em 1977. Opõe-se ao Movimento Revolucionário Túpac Amaru.

con Venezuela, […], copaban ayer las primeras planas de los diarios". Foi amplamente tratado por *El Comercio*, do Peru, que "dedica buena parte de su contenido a la versión de Bogotá, sobre las supuestas pruebas de los nexos de las Farc con Venezuela y Ecuador". Traz a opinião da correspondente do francês *Le Monde*, Jackeline Frost, para quem "ese sesgo es sintomático de la percepción de buena parte de la prensa peruana sobre este tema".

No dia 6, a matéria do enviado versa sobre o encontro dos presidentes Correa e Luiz Inácio Lula da Silva, em Brasília. O título sintetiza a compreensão que teve deste encontro: "La sombra de Hugo Chávez pesó en Brasilia" (Torres, 2008c). O jornalista afirma que a participação do presidente venezuelano é "lida" como "inoportuna y peligrosa por la mayoría de medios brasileños que recogen opiniones de políticos y analistas". Por sua análise do Jornalismo brasileiro e das questões propostas durante a coletiva de imprensa, afirma que não encontrou condenação à incursão das Farc no Equador e que a expressão "até as últimas consequências" era incômoda: "'Señor Presidente, ¿si la OEA no se pronuncia en la forma que exige Ecuador, qué significa hasta las últimas consecuencias?', preguntó el reportero de una agencia internacional."

Identifica na cobertura brasileira uma crescente atenção para o papel exercido por Reyes nas negociações para a libertação de reféns (Netto, 2008a) e que as denúncias colombianas sobre acordos entre Correa e as Farc "casi no ha tenido seguimiento ni eco mediático". Também encontra a afirmação de que, em um possível confronto, a Colômbia teria vantagem. Diz que a origem da informação são "especialistas", no plural, sem nomeá-los. Trata-se do texto do jornalista Roberto Godoy, do *Estado*, publicado no dia 4 (Godoy, 2008b).

Também no dia 6, em outro texto (Torres, 2008d), o enviado repercute o encontro dos presidentes Correa e Chávez, em Caracas, quando participaram juntos de uma entrevista coletiva no Palácio de Miraflores, que reuniu cerca de 50 jornalistas de vários lugares. Destacou, também, a reação de Correa diante da resolução emitida pela OEA, na tarde do dia anterior, em que assinalava que as Forças Armadas colombianas haviam violado a soberania do Equador e que se propunha a formar uma comissão de verificação. "'Bienvenida la comisión para que constate lo ocurrido. Pero esto no se va a enfriar hasta que el agresor sea condenado', insistió Correa." O enviado não aborda o tratamento jornalístico dado pelos meios venezuelanos às ocorrências.

No dia 7, Arturo Torres trata dos encontros de Correa com os presidentes da Nicarágua e do Panamá no texto "Correa enciende aún más su reclamo" (Torres, 2008e). O título abarca a constatação feita pelo jornalista de que, durante as visitas Correa, foi subindo o tom de seu discurso. Torres não faz menção à cobertura do Jornalismo nestes países. Trata, no entanto, da análise que o colombiano *El Tiempo* fez, no dia anterior, da resolução da OEA quando a nomeou como "victoria agridulce".

No dia 8, o texto aborda desde Santo Domingo os resultados da reunião do Grupo do Rio, "un histórico e inédito acuerdo se selló" (Torres, 2008f). Uma vez mais o texto de Torres assenta-se em detalhes, como horários, declarações e reações, mescladas à valoração do próprio jornalista sobre isso, como nos recortes: "el momento más intenso y emotivo de la cumbre se vivió hacia las 16:15 (hora de Ecuador) cuando Uribe, en medio de aplausos, dejó su puesto y se acercó a Correa, para exteriorizarle sus disculpas por lo ocurrido estrechándole la mano"; "la parte más tensa ocurrió pasadas las 11:00 cuando Correa y Uribe tuvieron un duro cruce de palabras"; "el momento más incómodo se vivió cuando Correa pidió 'derecho a réplica'" e "uno de los instantes más complejos fue cuando Uribe se molestó por la sonrisa de Correa".

O mapa dos fluxos de *El Comercio* (Figura 3) é marcado, especialmente, pelos deslocamentos do enviado especial Arturo Torres ao acompanhar a viagem do presidente Rafael Correa por seis países latino-americanos. Percebe-se pela cartografia que os movimentos dos enviados especiais correspondem aos fluxos da cobertura.

Além destes, a cartografia revela os fluxos referentes à cobertura da reunião da OEA, no dia 17 de março, em Washington. Comumente *El Comercio* utiliza-se dos serviços do correspondente do colombiano *El Tiempo* em Washington, Sérgio Gómez, que produz despachos para os jornais membros do GDA. Nesta situação, *El Comercio* opta por deslocar a correspondente em Nova York, Olga Imbaquingo, e o enviado especial Martín Pallares. Nos dias que antecedem a reunião, os despachos de Imbaquingo a localizam em Nova York, e nos dias 18 e 19 aparece a expressão "Desde Washington". Alguns textos são assinados conjuntamente pelos dois jornalistas (Pallares e Imbaquingo, 2008).

O enviado Martín Pallares retoma, no dia 19, os desfechos da reunião da OEA e a reação da imprensa que cobria a reunião: "los periodistas colombianos y ecuatorianos especulaban frustrados por no tener noticias cuando la hora del cierre definitivo de los diarios era inminente" (Pallares, 2008). Olga Imbaquingo faz referência à imprensa brasileira: "¿Quién era el que más ponía resistencias?, preguntaron los periodistas brasileños al embajador

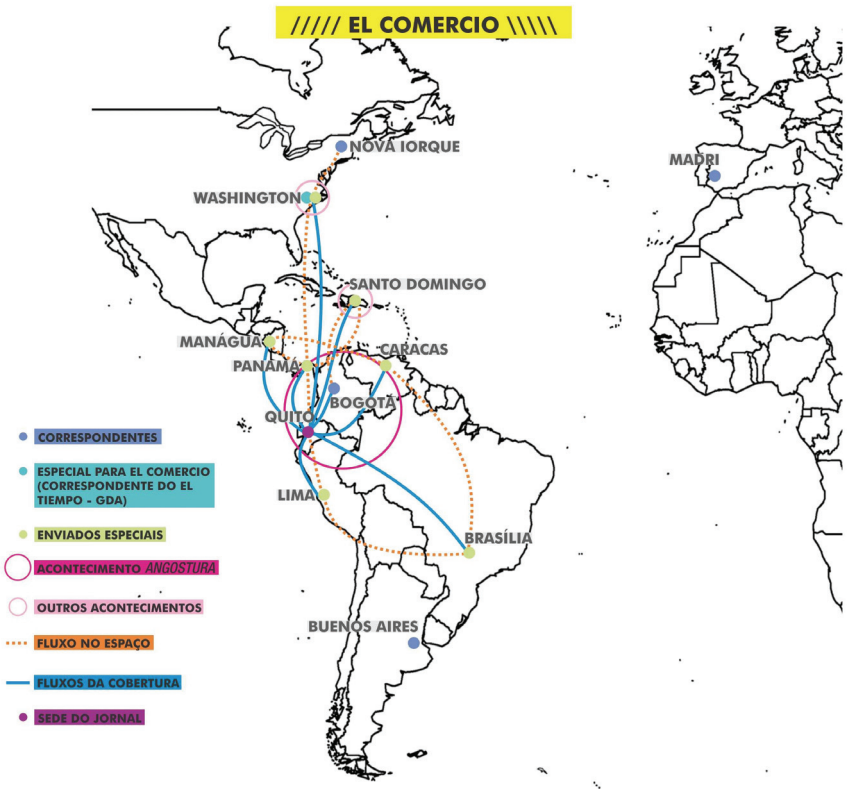

Figura 3. Fluxos de *El Comercio* na cobertura do *Angostura.*
Figure 3. Flows by *El Comercio* in the coverage of *Angostura.*

Osmar Chofi. 'A veces, era Ecuador el que se ponía duro y otras veces Colombia'" (Imbaquingo, 2008). Assim como Torres, Pallares e Imbaquingo ocupam-se não apenas dos acontecimentos que atualizam o *Angostura*, mas da ação da imprensa frente a eles.

Considerações finais

O Jornalismo nomeia as questões do tempo presente em meio ao fluxo contínuo e ininterrupto da atualidade. A partir de percursos simbólicos, reconhece algumas dentre as muitas ocorrências e se movimenta para acolhê-las e interpretá-las a partir das prioridades de cada meio e das particularidades de cada dispositivo no qual o que é o acontecido ingressará. Com vistas a um ordenamento daquilo que no mundo emerge como desordem, o Jornalismo engendra discursos, produz sentidos e acaba por organizar, a cada novo dia, uma cartografia das coisas do mundo. Essa mecânica de funcionamento do Jornalismo é mediada por processos regulares, um regime de práticas, um modo de objetivação jornalística, com procedimentos operativos e convenções, balizados pelo tempo e pelo espaço. O processo de objetivação dos acontecimentos confere a eles uma natureza discursiva, "controlada e perpetuada por um conjunto de práticas discursivas que limitam o entendimento do que é jornalismo" (Marocco, 2008, p. 1). Elementos exógenos, todavia, subjazem à materialidade discursiva e se insinuam à objetivação simbólica da experiência do espaço.

Ao mesmo tempo em que os acontecimentos do mundo vivido se impõem ao Jornalismo, por meio e a partir de seus fluxos, este se movimenta em direção aos acontecimentos, em idas e vindas que não cessam de se atualizar enquanto dura o campo de possíveis do primeiro e o interesse do segundo em observá-lo, acolhê-lo e interpretá-lo. Ao se movimentarem pelo "mundo diante dos seus leitores" (Groth, 2011), os jornais acionam suas redes discursivas e as ajustam conforme as necessidades de deslocamento. Percebida como um conjunto de operações

de identificação e recolha, as redes discursivas abarcam, também, movimentos no interior do sistema produtivo, deslocando-se do Jornalismo ao Jornalismo como forma de observar e recortar modos de "dizer" os acontecimentos.

As operações que lhe possibilitam ir ao mundo para acessar as ocorrências podem ser apreendidas na superfície discursiva. Ao compor os mapas de cada dia dos noticiários, o Jornalismo inscreve ali, mesmo que não explicitamente no sentido de contar seus modos de fazer, os fluxos no espaço. De certo modo, é a interiorização dos espaços do vivido nos espaços do jornal que faz com que os lugares ganhem significado enquanto conjunto indissociável de coisas e relações, em movimento. Os espaços, do mundo ou do próprio sistema, percorridos pelo Jornalismo não têm valor por si mesmos; eles significam por aquilo que acrescentam às narrativas dos acontecimentos.

A observação dos movimentos de *O Estado de S. Paulo*, *El Tiempo* e *El Comercio* em direção ao *Angostura* possibilitou compor mapas de fluxos. Estes, por sua vez, permitem visualizar em que medida o acontecimento desestabiliza a organização dos jornais, previamente definida e demarcada a partir de certas territorialidades, levando-os a percorrer outros espaços. A força do acontecimento reside também aí, ou seja, pelos modos como "tira" o Jornalismo de seu espaço, levando-o pelo mundo para alcançar os fluxos que se interpõem e solicitam ser discursivamente ordenados.

Referências

AUGÉ, M. 2010. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió, Unesp, 109 p.

FISHMAN, M. 1983. *La fabricación de la noticia*. Buenos Aires, Tres Tiempos, 191 p.

FOUCAULT, M. 2001. *Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos & escritos, 3)*. São Paulo, Forense, 484 p.

GEORGE, P. 1969. *Sociologia e Geografia*. Rio de Janeiro/São Paulo, Forense, 202 p.

GROTH, O. 2011. *O poder cultural desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais*. Petrópolis, Vozes, 460 p.

LACOSTE, Y. 1989. *Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 2ª ed., Campinas, Papirus, 263 p.

MAROCCO, B. 2008. O jornalista, as práticas discursivas e uma nova figura: o produtor. *Alceu*, **9**(17):81-89.

MOUILLAUD, M. 2002. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. *In:* M. MOUILLAUD, S.D. PORTO (orgs.), *O jornal: da forma ao sentido*. 2ª ed., Brasília, Editora Universidade de Brasília, p. 49-83.

SILVA, A.R.; MAROCCO, B.A. 2008. Murmúrios de Aion: tempo e Jornalismo. *Verso e Reverso*, **22**(49).

TORRES, A. 2009. *El juego del camaleón: los secretos de Angostura*. Quito, Eskeletra, 240 p.

TUCHMAN, G. 1983. *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona, Gustavo Gili, 265 p.

ZAMIN, A. 2011. Meios-fonte nas páginas de Internacional de *O Estado de S. Paulo*. *Galáxia*, **11**(22):250-261.

Fontes primárias

AP; REUTERS; AFP. 2008. Uribe, Correa e Chávez encerram crise. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, 8 mar.

AYALA SAMANIEGO, M. 2008a. Así se enteró el presidente Correa. *El Tiempo*. Primer Plano. Bogotá, 2 mar.

AYALA SAMANIEGO, M. 2008b. Uribe alerta a México sobre avanzada de las Farc. *El Tiempo*. Política. Bogotá, 11 mar.

AYALA SAMANIEGO, M. 2008c. Ecuador llevará a OEA caso de muerto. *El Tiempo*. Política. Bogotá, 25 mar.

CHADE, J. 2008. Bogotá quer mediação da UE. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, ano 129, 4 mar.

COSTAS, R. 2008. Na fronteira, turbulência diplomática causa prejuízo. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, 6 mar.

FILHO, E. 2008a. Equador pede ajuda da Cruz Vermelha para identificar corpos. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, 5 mar.

FILHO, E. 2008b. No Equador, resultado de cúpula é recebido com alívio. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, 8 mar.

GODOY, R. 2008a. Avião feito pela Embraer participou da operação. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, 3 mar.

GODOY, R. 2008b. Em conflito, Bogotá teria vantagem. *O Estado de S. Paulo*. Internacional São Paulo, 4 mar.

GÓMEZ, S. 2008a. Así se defenderá Colombia ante OEA. *El Tiempo*. Primer Plano. Bogotá, 4 mar.

GÓMEZ, S. 2008b. Triunfo agridulce de Colombia en OEA. *El Tiempo*. Primer Plano. Bogotá, 6 mar.

GÓMEZ, A. 2008c. 'La coca está en el corazón del problema', dice Insulza. *El Tiempo*. Política. Bogotá, 12 mar.

GÓMEZ, S. 2008d. Colombia gana espacio en OEA. *El Tiempo.* Política. Bogotá, 16 mar.

GÓMEZ, S. 2008e. OEA, sin consenso en 6 puntos. *El Tiempo*. Nación. Bogotá, 18 mar.

IMBAQUINGO, O. 2008. EE.UU. puso reparos al documento final. *El Comercio.* Política. Quito, 19 mar.

LAMEIRINHAS, R. 2008. Reyes era o principal articulador da guerrilha. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, 3 mar.
MELLO, P.C. 2008a. Quito endurece posição em relação a Bogotá. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, 18 mar.
MELLO, P.C. 2008b. Repúdio à Colômbia satisfaz Equador. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, 19 mar.
MONTEIRO, T.; DOMINGOS, J. 2008. Lula dribla retórica de Correa. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, 6 mar.
NETTO, A. 2008a. Reyes era o interlocutor da França, revela chanceler. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, 4 mar.
NETTO, A. 2008b. França e Equador suspeitam de Uribe. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, 5 mar.
NOSSA, L. 2008. Lula perde chance diplomática. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, 8 mar.
PALLARES, M.; IMBAQUINGO, O. 2008. La OEA rechazó el ataque, con la reserva de EE.UU. *El Comercio*. Política. Quito, 18 mar.
PALLARES, M. 2008. Un gesto de Amorim lo destrabó todo. *El Comercio.* Política. Quito, 19 mar.
PEÑA, E. 2008a. Seis horas en las que pasaron de los insultos a los abrazos. *El Tiempo*. Primer Plano. Bogotá. 8 mar.
PEÑA, E. 2008b. Chávez pide a Colombia frenar la información de PC de 'Raúl Reyes'. *El Tiempo*. Política. Bogotá, 26 mar.
PEÑALOZA, P. 2008. Chávez cierra embajada y moviliza 10 batallones. *El Tiempo*, Bogotá, 3 mar.
ROJAS ARAÚJO, C. 2008a. El vocero de las FARC murió en acción. *El Comercio*. Justicia. Quito, 2 mar.
ROJAS ARAUJO, C. 2008b. Colombia se disculpa y acusa a Ecuador. *El Comercio*. Política. Quito, 3 mar.
SANT'ANNA, L. 2008. ETA definhou ao perder 'santuário' na França. *O Estado de S. Paulo*. Internacional. São Paulo, 6 mar.
TORRES, A. 2008a. El Putumayo se convirtió en el hogar y en la tumba de Reyes. *El Comercio*. Justicia. Quito, 2 mar.
TORRES, A. 2008b. García condena a Colombia y a las Farc. *El Comercio.* Política. Quito, 5 mar.
TORRES, A. 2008c. La sombra de Hugo Chávez pesó en Brasilia. *El Comercio*. Política. Quito, 6 mar.
TORRES, A. 2008d. Rafael Correa insiste en la condena. *El Comercio.* Política. Quito, 6 mar.
TORRES, A. 2008e. Correa enciende aún más su reclamo. *El Comercio.* Política. Quito, 7 mar.
TORRES, A. 2008f. La reconciliación llegó a los siete días. *El Comercio.* Política. Quito, 8 mar.

Submetido: 20/11/2012
Aceito: 13/04/2013